



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

WALCYR CARRASCO

Em busca de um sonho

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Luísa Nóbrega

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?'*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações inter-

personais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

F nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

F nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

F nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

F nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

w do mesmo autor;
w sobre o mesmo assunto e gênero;
w leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



WALCYR CARRASCO

Em busca de um sonho

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Walcyr Carrasco nasceu em Bernardino de Campos, São Paulo, em 1951. É autor de várias peças teatrais, roteiros para televisão, novelas e livros infanto-juvenis. Em jornal, fez um pouco de tudo: de coluna social a reportagem esportiva. Chegou a ser ator, figurinista e diretor de teatro. Foi de mochila até os Estados Unidos na década de 1970 e nunca mais parou de viajar. É autor de *O terceiro beijo*, *Uma cama entre nós*, *Batom e Êxtase*, peças de teatro; *O Guarani* e *Xica da Silva*, roteiros para TV; *Irmão negro*, *O garoto da novela*, *A corrente da vida*, *O menino narigudo*, *Estrelas tortas* e *Mordidas que podem ser beijos*, livros infanto-juvenis; *O golpe do aniversariante*, crônica.

Lançou seu primeiro livro, *Quando meu irmãozinho nasceu*, em 1980. Mais tarde, entrou para a televisão, escrevendo minisséries e novelas de sucesso, como *O Cravo e a Rosa*, *Chocolate com pimenta* e *Alma gêmea*.

RESENHA

Neste livro bastante pessoal, Walcyr Carrasco compartilha com o leitor alguns

momentos de sua trajetória, desde a infância, na casa dos fundos do pequeno bazar da mãe, até o sucesso como escritor e jornalista.

Em seu relato, o autor narra os inúmeros obstáculos e as dificuldades que se viu obrigado a enfrentar e as soluções muitas vezes inusitadas que encontrou para sobreviver em meio a um contexto desfavorável. Sua trajetória não é o que se pode chamar de linear: em muitos momentos, o autor revela como decidiu abrir mão de situações aparentemente promissoras e estáveis para ir em busca de algo que o instigasse mais. Assim, Walcyr conta como deixou uma faculdade para começar outra, abandonou um emprego seguro para embarcar numa viagem aventureira pelos Estados Unidos, deixou o emprego numa agência de publicidade por falta de identificação com o meio e o emprego numa revista importante para dedicar mais tempo a seus interesses artísticos... e, por fim, após muitos reveses e muitos “nãos”, realizou o sonho antigo de ser escritor.

Ao revelar sua história, Walcyr Carrasco divide com o leitor sua convicção de que o sucesso muitas vezes se deve menos ao talento e mais a um comprometimento com a própria vocação, que pressupõe

obstinação, persistência e uma boa dose de ousadia.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Walcyr Carrasco narra os episódios de sua vida de maneira bastante leve e descontraída, sem prescindir do bom humor mesmo quando trata de momentos difíceis. Desde a introdução, o autor revela o aspecto de sua história que resolveu privilegiar em seu relato: a questão da vocação, da escolha profissional. De fato, não se trata de uma biografia minuciosa, em que o autor se debruça sobre detalhes de sua vida, mas sim de um relato de natureza mais concisa e objetiva. A escolha da carreira a seguir, desde seus ingênuos desejos infantis até suas aspirações já mais amadurecidas, passando por momentos em que a escolha profissional era ditada mais pela necessidade do que pelo desejo, é o principal foco do livro. Dos outros aspectos de sua vida, o autor não revela mais do que o essencial.

Em todos os momentos, o autor mantém seu estilo fluente, sem perder a objetividade. Embora não esconda o orgulho que sente de suas conquistas após tantos momentos difíceis, também revela seus momentos de covardia, fraqueza e desamparo. Ressalta, porém, que nunca deixou que suas tentativas frustradas se transformassem em desânimo e amargura, antes, soube se levantar e seguir adiante.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: autobiografia

Palavras-chave: vocação, escolha profissional, superação de obstáculos, determinação

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia, Educação Artística

Temas transversais: Ética, Pluralidade Cultural

Público-alvo: alunos da 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental e Ensino Médio

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Leia com os estudantes a introdução do livro, na qual o autor discute a importância de encontrar a própria vocação. Essa é uma questão bastante urgente na vida dos jovens, que, muitas vezes, se vêem pressionados a escolher muito rapidamente sua profissão. Converse um pouco com eles sobre estas questões: Quais deles já possuem alguma idéia daquilo que desejam fazer no futuro? Quais já têm algum contato mais direto com a profissão que pensam em seguir? Abra espaço na discussão também para aqueles que ainda estão longe de fazer uma escolha, analisando as dificuldades que uma decisão como essa implica.

2. O autor do livro apresenta a idéia de trabalho como uma vocação, como algo que, além de propiciar segurança material, é também fonte de prazer. No entanto, para muitas pessoas o trabalho não passa de uma obrigação. Discuta esta questão: Quais as pessoas que eles conhecem que se consideram felizes em sua profissão? Quais não são felizes?

Durante a leitura

1. No decorrer do livro, o autor tenta diversas profissões diferentes antes de se firmar como escritor. Peça aos alunos que prestem atenção às muitas tentativas de carreira de Walcyr Carrasco, procurando perceber, em primeiro lugar, aquilo que fez com que ele optasse por elas e, em segundo lugar, o que fez com que ele as abandonasse.

2. Em diversas passagens do livro, o autor olha para si mesmo no passado e comenta suas atitudes com olhar crítico. Estimule seus alunos a perceberem os momentos em que o escritor, bem-sucedido do presente, comenta as atitudes do jovem do passado, procurando perceber as principais diferenças que existem entre eles.

Depois da leitura

F nas tramas do texto

1. Proponha aos alunos que façam uma pequena enquête com os colegas de toda a escola para descobrir as profissões mais visadas por eles. Para organizar o trabalho, divida a classe em pequenos grupos para que cada um fique responsável por uma ou mais salas da escola, sem que nenhuma seja esquecida ou consultada mais de uma vez. Prepare com antecedência as cédulas de registro dos dados e converse com os demais professores sobre a possibilidade de uma pequena interferência em suas aulas para que a enquête seja realizada.

2. Uma vez terminada a consulta, ajude a classe a organizar os resultados da pesquisa — com o auxílio de um programa de computador, como o Excel, por exemplo, os alunos podem fazer um gráfico com os resultados para ser colocado posteriormente no mural da escola. Quais são as profissões mais desejadas pelos alunos? Quais delas aparecem pouco na enquête?

3. Muitos problemas que os jovens encontram ao cursar uma faculdade, ou com a profissão escolhida, se devem a uma idealização que se tem delas. Walcyr Carrasco comenta um pouco essa questão num determinado momento do livro, ressaltando como, muitas vezes, apenas o contato direto com a rotina da profissão é que nos faz descobrir se temos afinidade com ela. Essa seria uma boa oportunidade para conhecer as principais profissões de interesse dos alunos, trazendo profissionais de cada uma das áreas para conversar com a classe. Verifique com os estudantes se há alguém na família, ou entre seus conhecidos, que exerça alguma das profissões em questão, que possam ser convidados para vir até a escola.

4. No capítulo três, A máquina de escrever, Walcyr Carrasco relata como a leitura de *As reinações de Narizinho*, de Monteiro

Lobato, despertou nele, ainda menino, o desejo de ser escritor. Num conto extremamente delicado, “Felicidade Clandestina”, Clarice Lispector conta sua experiência de menina com o mesmo livro, descrevendo seu sofrimento pelas sucessivas delongas de uma vizinha, filha de dono de livraria, que demora a cumprir a promessa de emprestar o livro tão desejado. Leia com seus alunos o conto de Clarice, prestando atenção na relação de desejo e espera que ela cria com o livro.

5. Após a leitura, converse com eles sobre a maneira como um livro que lemos ou um filme a que assistimos, por exemplo, podem marcar nossa história. Pergunte aos alunos se se lembram do livro que mais os marcou quando eram pequenos — vale livro de ficção, livro de imagens, histórias em quadrinhos... Veja se alguns deles ainda guardam o livro em casa e se gostariam de trazê-lo para mostrar para a classe.

6. Agora é a vez de os próprios alunos experimentarem escrever um relato de memórias: divida-os em duplas e estimule-os a pensar em alguém mais velho que admirem muito e cuja história gostariam de contar. Peça que eles conversem com essa pessoa e perguntem se ela gostaria de dar um depoimento contando sua história, para que depois ele seja transcrito como relato escrito. Sugira a eles que pensem, antes do encontro com a pessoa, nos principais pontos de sua história que desejem abordar, escrevendo um pequeno roteiro. Num primeiro momento, diga aos alunos que gravem o depoimento numa fita cassete, preparada com antecedência e testada (seria bastante frustrante se depois da conversa se verificasse que nada ficou registrado ou que o registro ficou inaudível), procurando deixar a pessoa à vontade para discorrer sobre aquilo que desejar (o roteiro deve servir apenas como estímulo).

7. Depois de feita a gravação, peça aos alunos que transcrevam o depoimento por

escrito. A transcrição da linguagem oral para a escrita sempre implica mudanças, mas peça a seus alunos que mantenham, na medida do possível, o modo de falar da pessoa. O objetivo do trabalho é escrever um relato em primeira pessoa, portanto, é bastante importante manter o estilo pessoal daquele que fornece o depoimento. Uma vez feita a transcrição, peça a seus alunos que trabalhem um pouco o texto para torná-lo mais fluente, retirando passagens que considerem menos significativas, tendo a preocupação apenas de não adulterar a essência do relato.

8. Por fim, que tal organizar um pequeno livro com os relatos escritos pela classe? Escolha com os alunos um título para o livro e selecionem uma imagem para a capa que considerarem significativa. Se for o caso, os alunos poderiam colocar no livro, junto a cada relato, uma foto da pessoa que cedeu sua história. Uma vez prontos os livros, sugira que eles levem uma cópia da “obra” para cada uma das pessoas que deram os depoimentos.

F nas telas do cinema

Ghost World – Aprendendo a viver, dirigido por Terry Zwigoff, é um filme pouco convencional sobre o fim da adolescência, inspirado numa história em quadrinhos homônima de Daniel Clowes, um dos mestres americanos dos quadrinhos alternativos. O filme conta a história de duas amigas inseparáveis durante os tempos de colégio, que depois da formatura acabam se afastando, em virtude das diferentes escolhas de vida de cada uma. Enquanto Rebecca consegue um trabalho numa lanchonete e pensa em morar sozinha, Enid não consegue se ajustar a essa maneira de viver e decidir o que quer. É um filme interessante, que não simplifica a adolescência, e nos revela

o quanto podem ser doloridas nossas escolhas. Distribuidora: LW.

DICAS DE LEITURA

w **do mesmo autor**

A corrente da vida — São Paulo, Moderna
Estrelas tortas — São Paulo, Moderna
O selvagem — São Paulo, Global
Meu encontro com Papai Noel — São Paulo, Ática
As asas do Joel — São Paulo, Quinteto Editorial

w **sobre o mesmo gênero**

Depois daquela viagem — Valéria Piassa Polizzi, São Paulo, Ática
Esmeralda, por que não dancei — Esmeralda do Carmo Ortiz, organizado por Gilberto Dimenstein, São Paulo, Ática/Senac
Transplante de menina — Tatiana Belinky, São Paulo, Moderna

w **leitura de desafio**

Em contraposição à história de alguém que, após muitas confusões e percalços, tornou-se bem-sucedido, seria interessante ler a história de um adolescente que, expulso do colégio onde estudava, revela, com suas próprias palavras, seu descontentamento com a hipocrisia e com o convencionalismo da vida adulta. Sem conseguir se identificar com a idéia corrente de sucesso e produtividade, e ao mesmo tempo sem saber o que deseja, o adolescente tenta descobrir aos poucos sua maneira própria de viver. *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger, é um romance em primeira pessoa que fala de juventude de uma maneira muito sensível e pouco óbvia. Existe uma tradução publicada pela Editora do Autor-LTD.